

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 11.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fora da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Despucio de Abreu e Silva.

O Guayba.



Com todo o prazer fazemos transcripção do artigo abaixo, porque julgando-o nos limites do nosso programma, contém de mais idéas que muito sympathisão com as da actualidade.

E' a lanterna do escriptor que alumia o abuso' de certas classes, e por esta, como por algumas mais, soffredoras por excellencia, é-nos grato fazer-nos éco da sua voz queixosa e da desordem que por ventura se dê em um ramo de serviço, que tanto exige a inalteravel applicação da justiça, accommodada aos principios de um solido regimento.

Aproveitamos esta occasião para agradecer ao illustre redactor da — Patria — a bondade que nos prodigalisa, reproduzindo grande numero dos nossos artigos.

O FUNCIONALISMO PUBLICO.

Uma das grandes causas que transtornão o andamento regular da justiça, e a marcha do serviço nas estações publicas, é incontestavelmente o mal que se paga aos servidores da nação, quer na parte da justiça distributiva, quer em relação á parte administrativa.

Pensa-se que se põe em pratica uma economia vantajosa aos cofres publicos, mal pagando ou mal retribuindo o serviço de cada um funcionario, e entende-se que quando o serviço das estações se acha atrazado e difficilmente satisfeito, o remedio á dar ao mal, deve limitar-se á um augmento de possoal nas repartições!

Erro manifesto, vicio de administração que convem combater com todas as forças.

Em nosso opinião, e não é de hoje que o fazemos sentir, a causa unica e productiva dos inconvenientes que se notão na marcha do serviço publico, em relação

ao funcionalismo, não é outra senão o pagamento ridiculo, mesquinho e insufficiente que se dá como retribuição ao zêlo, ao esforço e dedicacão do empregado.

Em primeiro lugar, porque, essa retribuição estando á quem das necessidades mais urgentes da vida, e ás quaes infallivelmente tem de satisfazer o funcionario desanima-o no desempenho de suas funcções e distrahe-lho as idéas, como perturba as faculdades do pobre homem, que sente a imperiosa exigencia de entregar-se, além das funcções do seu emprego, á diverso serviço que lhe dê alguns outros meios de subsistencia, que juntos áquelle da má retribuição que lhe é dada pelos cofres publicos, possam servir a satisfazer as suas precizões e de sua familia, que quasi sempre a tem; e então, sente-se, não é possivel que um funcionario em taes condicções possa bem desempenhar seus deveres e responder á expectativa dos principios administrativos.

Em segundo lugar, sabemos, ha um periodo em que o funcionario sente-se impossibilitado para o trabalho e ó mister de ante-mão prevenir-se, para que nesse periodo não venha a achar-se baldo absolutamente de recursos para fazer face ás precisões de sua existencia, reconhecendo a conveniencia ou antes a forçosa necessidade de formar peculio para que, em caso imprevisto, sua familia não fique ao desamparo e abandono.

Ora, que é certo, o funcionario publico não pode ter a veleidade de crear uma fortuna remediavel com as economias de seu ordenado, porque, este é insufficiente mesmo para as suas mais urgentes precisões, e então, ou elle tem, á força de circumstancias, necessidade de ser pouco escrupuloso e exacto no cumprimento de seus deveres de funcionario para empregar-se em algum outro serviço que lhe preste maiores meios de subsistencia, ou, se do funcionalismo pôde tirar vantagens por meios illicitos, fal-o, porque a necessidade a isso o obriga, pois sabemos que não pôde haver honra e virtude quando o estomago soffre.

Isto pelo que diz respeito ao funcionalismo administrativo.

Quanto ao funcionalismo magistral, as circumstancias são ainda mais deploraveis, porque a má situação d'esse funcionalismo desarranja toda a ordem social,

atropella todos os direitos e prejudica todos os principios de moral e de justiça.

Mal pagos os magistrados, esses homens que têm de reconhecer o direito de cada cidadão nas questões civis como crimes, é impossível que possam ter a independência e força de vontade necessaria para fazer triumphar as disposições da lei, quando estas devão affectar os interesses dos grandes contra os direitos dos pequenos e desprovidos de fortuna; isto porque, ao magistrado é humanamente impossível occorrer ás necessidades de alimentação, decente subsistencia e ás exigencias que a dignidade do juiz reclamão, tendo mais vezes de recorrer ao favor dos homens ricos que tem interesse em conserval-o dependente e subordinado á acção de sua vontade.

Lançar-se-ha como protesto á estas nossas proposições a honradez, os costumes ou a educação do homem e suas virtudes! Mas que honradez, que educação e virtudes assaz fortes podem resistir ás exigencias carnaes, ou antes ás precisões phisicas do corpo?

Como poderá o juiz municipal, por exémplo, que tem um ordenado mesquinho e excessivamente ridiculo, sustentar a dignidade de seu caracter de juiz, alimentar-se, vestir-se e á sua familia, se a tiver, quando por ventura a sorte lhe não tenha sorrído com os favores da fortuna?

Um juiz de direito mesmo, um desembargador, um membro do supremo tribunal de justiça, como poderão manter a independência e o prestigio do alto caracter de que estão revestidos, se os honorarios que percebem são insufficientissimos para as exigencias das funcções que exercem?

Fôra irrisorio certamente appellar em taes circumstancias para a honra e independência de caracter dos magistrados, quando o proprietario, o taverneiro, o açougueiro, o alfaiate et comitante caterva lhes baterem á porta constantemente fazendo ouvir o fatal e dissonante estribilho de uma musica infernal que se cifra na palavra dinheiro! Fôra escarnecer do espirito e da organisação do corpo humano, dizer-lhe: não deshonreis vosso caracter, não avilteis a vara do juiz, quando ao mesmo tempo o relógio do estomago dá horas, e as tripas dizem revolvendo-se na barriga: — precisamos de recheio!

Mas então — que quereis que se faça? nos perguntarão! Pouca coisa, responderemos nós; é bastante que os nossos governos e os altos poderes do estado sejam consequentes na sua maneira de organizar o paiz ou a sociedade!

Em vez de um pessoal enorme e dispensavel, creado cada anno para arranjar afillhados com prejuizo da nação e do povo, reduzi esse pessoal, retrahio-o ao terço do que é elle e pagai-lhe duplicadamente, que tereis soffri-veis servidores, e haveis economisado um terço da despesa que faz o estado, que poderá ser convenientemente empregado em outras necessidades, como dado honra e independência ao vosso funcionalismo publico, moralisando-o por meio da responsabilidade effectiva dos

erros ou faltas commettidas, que então não terá para defender-se essa fatal entidade — a precisão!

Com um terço do pessoal que temos, ninguem o poderá contestar, o serviço se fará bem e a justiça caminhará no seu devido terreno, porque os funcionarios tendo nos seus honorarios os meios de uma subsistencia honrosa, farão por não incorrerem nas condições de uma destituição, e assim serão zelosos e nimamente escrupulosos no exercicio de suas funcções, e por outro lado haverá muita gente para entregar-se á industria, ao commercio e á agricultura, desde que não houverem mais repartições publicas com verdadeiros exercitos de empregados vadios e ociosos que nada mais fazem nas estações do que atrazarem e empecerem a marcha regular do serviço publico onerando em duplo sentido os cofros.



UM ALBUM.

Todas as nossas leitoras sabem perfeitamente que um Album é o livro mimoso dos pensamentos e saudades, que a imaginação prepara, e o coração derrama, decorado pela inspiração, ou mesmo dictado pelo astro da poesia. Pois bem: folhear um Album é o recreio mais innocente das almas sensiveis, é beber recordações de uma pessoa que nelle depositou um segredo que a modestia obrigára a occultar-o; é tambem envenenar-se de lisongeiras homenagens, é atraigoar um nome com um sorriso despresador, que uma ficção mal desenvolvida, um axioma mal posto nos vem despertar com a leitura. Confiar um Album, que é o ramalhete perfumado das nossas horas de melancolia, é outorgar uma honra que nunca mais devemos profanar; rir das miserias do espirito que nelle empreheendeu erigir um monumento ao tacto de centenas de mãos, para despejar apenas as gottas de seu acetico positivismo, é fazer desmerecer o obzequio que se nos fez, é pagar com ingratidão um trabalho prestado á nossa realidade, por ventura vasia, que nos obriga á enche-la de concepções phantasticas. A's vezes recebemos um Album sem conhecermos a creatura moral que nol-o envia: como corresponder á essa attenção, como satisfazer tambem ao nosso orgulho de ver apreciado o nosso trabalho? No sacrificio de muitas horas, arrastando tudo o que a poesia nos suggerer, tímidos consagramos algum bosquejo litterario: como reprehender-nos porque não fomos eloquentes? E' com effeito uma loucura desconhecer a incapacidade da nossa intelligencia, e tentar levantarmo-nos acima do que pode a nossa força, para descolorir as petalas das flores, que ornão aqui e alli as paginas acariciadas de um Album, mas a despeito da intelligencia que não podemos presumir em quem venha deleitar-se lendo-nos, ir arrebatando as bellezas do idealismo para atiral-as em phrases desencontradas como um ouropel de prego que nos garante gargalhadas em vez de lagrimas ou applauso, é mais do que loucura, é uma ridicula vaidade.

E como um Album, que é o recipiente indiscreto da presumpçosa fofoca do nescio e da alma luminosa do sabio, que na expressão de uma espirituosa penna, se vêem apenas separados por uma folha de papel, está em moda correr de olhos para olhos, aqui damos estas reflexões que ao correr da penna elaboramos.



VARIÉDADE.



SINGULAR ACHADO.

Uma descoberta das mais curiosas e importantes da nossa epocha, e que vai chamar á Roma todos os numismatas das quatro partes do mundo, acaba de ser feita por um vinhateiro da Albania em uma plantação de vinhas: é o anel de Polycrates. Como bem poucos sabem a historia d'este precioso objecto, eis aqui algumas linhas q' habilitarão os leitores para bem apreciar a importancia do semelhante achado.

Polycrates era tyranno do Samos. Havia empregado alternativamente em seu governo a astucia e a violencia, a crueldade, as festas, e os espectaculos bellicos

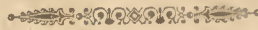
para conter o seo povo na mais degradante submissão. Seu reinado comtudo não passava de uma serie não interrupta de prosperidades sem exemplo. Um dia Amasys, rei do Egypto e seu amigo, escreveu-lhe estas pequenas linhas: „ As vossas prosperidades me espantão; eu desejo áquelles que estimo um complexo de bons e de males, pois uma divindade ciosa não permite que um mortal, qualquer que seja, goze de uma felicidade inalteravel. Poupai pois algumas penas e revezes para oppor aos favores constantes da fortuna.“

Tocado por esta carta e este conselho, Polycrates já cansado e descontente com esta imperturbavel prosperidade, quiz constringer a fortuna á misturar com algumas desgraças os seus assiduos presentes, e procurar uma cousa cuja perda lhe fosse mais sensivel para lançal-a no mar; a escolha cahiu em um anel de ouro massiço que engastava a esmeralda mais rara e estimada entre as pedras d'aquelle tempo, em que o diamante não era ainda conhecido.

A historia conta (V. Herodoto, livro III.) que poucos dias depois, trinçando este principe um peixe, que o seu criado havia de manhã comprado, achou-lhe o anel no ventre.

(Courrier de l'Europe.

Album Poetico.



NO ALBUM

da *Sra. D. Corinna Palmeiro.*

oh ledas flores
De minha primavera.....

E já me abandonaes — tronco sem silva
Só, definhando na aridez do mundo,

Oh! sonhos meos, porque me abandonastes?
Guimarães — Hymno á tarde

I.

O que pedes d'esta harpa, donzella?

O que pedes d'esta harpa chorosa?

Triste nepia que dores revella?

Uma queixa amargosa?

Tu não vês uma nuvem sombria

Que me envolve e me turba o semblante?

E meo languido olhar que annuncia

Um soffrer incessante?

Ouve pois meos accentos' sentidos,
Ouve o bardo esquecido infeliz,
Que fugir vio seos sonhos queridos
E seos dias maldiz!

II.

Minha infancia foi quadra d'encantos,
Foi qual astro sereno e formoso,
Que bem cedo'sumio-se entre prantos
Em um céu obumbroso.

Hoje . . . errante nos mares da vida
Já nem sinto animar-me a esperanza,
Nem minha alma que geme abatida
Um momento descansa.

Lenta dôr para sempre enublou-me
A côr aurea do céu do futuro,
E — cruel! — já por fim condemnou-me
A' morrer obscuro.

Essa dor, que minha alma enlutece,
Vem do corpo que vai definhando,

Qual a planta que o Noto emmurchece
E vai logo tombando.

Vou soffrendo e já sinto que pende
Minha fronte p'ra o mudo sepulchro,
Eu já sinto esse frio que estende
Mortuário involucro.

E não devo queixar-me que a sorte
Sempre nos vates desdenha sorrir
Mas espero no seio da morte
Socegado dormir.

Porto Alegre, Dezembro de 1856.

A. e S.

LEMBRANÇAS DO QUE FOI.

Como é triste vivermos scismando
Na pessoa à quem temos amado!
Como é triste sentirmos depois
Os effeitos de um triste passado!
E bem vezes à nosso pesar
Ver nossa alma para elle voar,
Ella sahe-nos do peito atquebrado
Em procura de um bem já perdido,
Exhalando num triste gemido
As saudades do eterno lembrar!

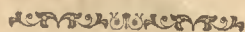
Quando longo da amiga querida
E da terra que nos vio nascer,
Nós vivemos tão só — isoladas,
Nosso pranto sentimos correr!
E bem vezes à nossa pesar
Ver nossa alma para ellas voar;
Ella chega ao lugar desejado
E buscando á quem temos deixado,
Em meiguices lhe diz — eu te amo!

Eu te amo! Oh! acredita
Que jamais do esquecerai
Inda mesmo agonisante
Essa palavra direi,
Per entre os labios gelados
Um suspiro soltarei,
E depois no ultimo esforço
Eu te amo! — e morrerei.

Quando sob a muda lage
Meu cadaver descangar
Verás que o meu epitaphio
Eu te amo! — inda dirá;
E lá pelo cemiterio
Meu espectro vagará,
Que gemente aos longes ecos
Eu te amo! — enviará!

Tu ouvirás essa phrase
No vento que sibilar,

No canto triste da rola,
Na vaga que inurmurar;
Nas folhas do denso bosque
Onde a brisa ciciar,
Na aragem branda e macia
Que em tua face roçar.
Por uma senhora.



À Sra.ª * * *

Qual nauta que levado sobre as ondas
Pela força d'um euro impetuoso,
Vê de todo ir fugindo a clara estrella,
Guia do seo baixel no pego undoso;

Assim me sinto sobre o mar da vida,
Pela furia da sorte arrebatado,
E vejo o astro meo, a minha estrella
Esconder-se num céu triste e nublado.

Ereis, Senhora, do meo céu a estrella,
O meo conforto nos vaivens da vida;
Hoje de vós me affasto, e vou bem longo
Exhalar de meo peito a voz dorida.

Um dia voltarei, e as duras magoas
Da auzencia junto á vós esquecerai,
E se o fado cruel emfim cançar-se,
O Elysio sobre a terra encontrarei.

Porto Alegre 3 de Março do 1857.

(* * *)



Revista.



Não duvido que o meu amigo Michel Chevalier tivesse boas rasões quando dizia: « L'Américain est de tous les hommes celui qui a au plus haut degré la liberté de sa personne; il est, sous ces rapport, libre comme l'air. » Como porém não fallasse especialmente dos Rio-Grandenses, e em particular d'aquelles que estão sujeitos ao regulamento da G. N., permitta-me que declare, que quanto á estes ultimos, é completamente applicavel aquella sentença.

Os meus argumentos serão sempre factos; e não fallo desprevenido d'esta vez.

Um amigo requereu á outro amigo uns dias para fardar-se, allegando a escassez dos metallicos. E porque não? Os primeiros negociantes e capitalistas estão se queixando d'este mal... porque não

o poria em evidencia um elo da grande cadeia que por costume se chama a "briosa"?

Pedio pois, e a resposta foi um « não tem lugar. »

— Tem, sim Sr., responde o bom do rapaz; o Sr. Pimenta, que é o "tailleur" da rapaziada, disse que em oito dias tudo está prompto.

— Não e não!

O meu bravo entendeu que não devia apparecer em blusa nos exercicios, e lá o mandarão para a gaiola, para lhe ensinar "logica disciplinar," com a recommendação sacramental: "Farde-se quanto antes!"

Ora, pois não! Humano como sou, e arrimo dos fracos contra os fortes que abusão de sua posição, encommendarei de Hamburgo uma nova machina á vapor, que baste-lhe deitar o panno, já está cahindo do outro lado a fardinha toda prompta. Assim espero contribuir um pouco á realisção do dito de Mr. Chevalier!

Como não sou membro da Illm.^ª não me compete despachar um requerimento que hoje achei debaixo da porta, em que o Sr. Olaria pede que se obrigue aos proprietarios que formão fundos com o Lycêo in spe á cercarem os seus terrenos que se tem tornado ultimamente um mar de. . . . (o resto respeito aos fiscaes). Vai á autoridade competente:

« O que poderes fazer hoje, não guardes para amanhã » é um rifão que precisava ser aberto em letras de 5 palmos de comprimento em cada esquina da nossa Capital!

A reflexão de um commandante de canôa fez-me cital-o aqui. Dizia o nauta de agua doce, que seria bem bom, se tivessem aproveitado a quasi secca do Jacuhy, para tirar uns certos palitos que andão lá esgravatando o fundo das lanchas, á ponto de abrir-lhes a quilha, como se fossem empregados da alfandega encarregados de vigiar, se as taes lanchas levão algum contrabando! Não se queixem mais, meus amigos; se os ouvidos humanos se mostrarão surdos, Deos vos ouviu; abivem as chuvas do inverno. . . para tapar estes — páos de encontro. . .

E' singular a sympathia que tenho pelos fiscaes! Volta e meia me entrão na mente. . . (quando não é pelos olhos, ou pelo nariz, é pelos ouvidos.) Sim, pelos ouvidos, e rogo, peço-lhes, se fôr preciso de joelhos. . . e até de cocaras, que tenham piedade dos ouvidos castos que vivem no celebre Largo do Portão: uma duzia de quitandeiras usurpárão essas esquinas, e atordoão não só as pessoas alli domi-

ciliadas, como as que paixão e que são obrigadas, além de ouvirem uma caterva de expressões degotadas de mais, á verem as camisas d'estas bellas africanas ainda mais degotadas. Estes mercados ambulantes avultão em numero de SETE de 1.^ª classe; á saber:

	Largo do Portão.	1
R. da Praia.	Canto da rua Clara.	1
	D. o d. o Ouvidor.	1
	D. o Largo da Alfandega.	1
	Rua da Ponte, canto da do Arroio.	1
	Rua Direita.	1
	Rua do Rosario.	1
	Total	7

Veirão lá meus Srs. se aproveitão este mappazinho.

A semana tem sido agitada.

Fez-se esperar o Vapor como um verdadeiro fidalgo da Corte.

Tambem pelas noticias que trouxe não havia tanta pressa. As nações lá da Europa, que ha dois annos deramavão o sangue com o furor de quem quebra o pescoço — á uma garrafa de Champanha, tornarão-se perfectos cordeiros: ameação-se de longe. . . mas as tormentas paixão e a diplomacia tira das algibeiras, um horisonte sereno, uma paz duradoura! Na falta de noticias, veio o General Caldwell, o se não se eclipsou o sol ou a lua com a chegada do velho guerreiro, pelo menos houve um eclipse total nos collarinhos dos jovens discipulos de Marte, . . . e a sola envernizada está para subir em prego.

Tudo acaba neste mundo; o bem como o mal, o sublime como o trivial; uma serie eterna de contrastes occupa este immenso palco. Nada, porém, é tão mudavel como os presidentes d'esta provincia. Duas vezes, pelo menos, por anno, tem-se aqui occasião de experimentar as sensações differentes que se operão no espirito: uma vez na chegada, outra vez na sahida do presidente.

A alegria, as esperanças, a confiança são ordinariamente os sentimentos que se desenvolvem no coração, ao ver este homem, ao qual vão ser entregues os interesses da provincia; muitas vezes realisão-se estas esperanças, e então temos, seis ou oito mezes mais tarde, o contraste: tristeza, desalento, e saudades, ao ver desaparecer aquelle que soube cumprir o seu dever! E' o que aconteceu justamente agora. Amanhã vai-se o

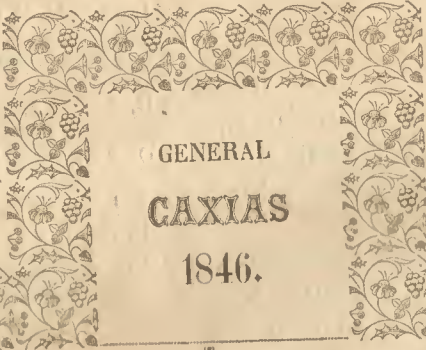

MEU AMIGO COELHO.

Esta cabeça activa, e até turbulenta em tudo quanto, dizia respeito ao aformoseamento, e progresso

d'esta bella provincia, deixa o melhor monumen-
to no peito de todos que alguma paixão violenta
não cega. O que me consola um pouco, é
ver entregue a presidencia ao meu co-religionario
Camara, que não sómente respeitará, mas ainda
saberá effectuar alguns projectos que o General
Coelho deixou apenas esboçados.

Lembro-me, que seria uma bella aquisição
para a nossa capital, se se estabelecesse uma gale-
ria de pinturas, e para fundal-a digna e prodiga-
mente bastava collocar ahi os retratos dos presi-
dentes que tivemos nos ultimos 11 annos.

Eis o plano :

 <p>GENERAL CAXIAS 1846.</p>			
Patricio Correia da Camara. Vice-Presidente. 1846.	Galvão. 1846—48.	General Andrae. 1848—50.	PIMENTA BUENO. 1850.
PEDRO FERREIRA 1850—51.	NOVA GALERIA DE RETRATOS DOS PRESIDENTES da Provincia DE S. PEDRO DO SUL.		General CAXIAS. 1851.
D^r. BELLO. Vice-Presidente. 1851—52.			Dr. SINIMBU. 1852—55.
Dr. BELLO. Vice-Presidente. 1855.	Barão de Muritiba. 1855—56.	General COELHO 1856—57.	Patricio Correia da Camara. 1857—185....
 <p style="font-size: 2em;">?</p>			

Já vêem portanto os freguezes, que desde 1846 até esta data, são 13; qual será o 14.º? Enigma! E por acabar em enigma, aqui lhes dou também um de outra especie, do que talvez já estejam com saudades.

CHARADA.

Como nota ou como clave.

1

Sou viúga formosa e pallida,
Qu'envolta em branco sudario

Pelo ether divagando
Vou cumprindo o meu fadario

2

CONCEITO.

Quantos amantes felizes
Hei no meu seio emballado!
Quantos suspiros, e beijos
Quantas juras escutado!

N. B. Olhem que isto não é com este seu criado

O Freguez.

Romances e Novellas.

SEM SE VER.

Já não se ouvia a bulha das portas; o mesmo rodar das seges ia cessando. Em um salão allumiado por grande numero de velas, consumidas pelas duas terças partes, diante dos restos de um grande fogo, se achavão sentadas ainda duas pessoas: uma senhora do pouco mais ou menos trinta annos, e um joven que parecia contar alguns annos menos.

— Ha uma maldição, disse a baroneza, que muitas vezes durante a minha vida tive occasião de repetir.

— Espero, minha Sra., que não fosse contra os professores?

— Não, Raoul, ó contra aquella gente, que, sahindo pelas duas horas de um baile, arrastão em sua fuga uma sociedade inteira. Depois de ter ficado até as duas horas á dansar, não é um resto da noite, que passar-se ha revirando-se na cama sem poder dormir, que valha a pena de impôr-se uma privação. De certo, vou passar ainda duas horas sem conciliar o somno.

Não vos ireis ainda; meus filhos estão cansados; dei-lhes licença para dormir até tarde; o professor poderá fazer outro tanto. Tendes alguma historia para me contar? ou antes, respondi a uma pergunta, que me suggerio a attenção com que examinastes todas as Sras. que ind'agora estiverão aqui. De todas as damas que conhecestes, qual é a que achasteis mais linda?

— E' sem contar a Sra. baronesa?

— Sem me contar, Sr.

— Então é uma Sra. que nunca vi.

— Eis uma loucura bem singular!

— Nem tanto; opino á cerca da belleza, não pelas proporções mathematicas do corpo e do rosto, mas sim pelo effeito que produz; e dos poucos amores que por ventura tive até hoje, o mais apaixonado, o mais vehemente, o mais poetico é sem contradicção o que me tem inspirado uma Sra. da qual nunca avistei nem sequer a ponta do pé.

— Mesmo contando aquella moça vestida de azul que vos indiquei para tirar para uma contradansa?

— Aquella, cuja belleza de antemão tanto me gabastes?

— Justamente.

— Não a vi. Quando quiz chegar-me á ella pelos grupos de pares, passou para um outro salão, dando a mão á um homem mais feliz . . .

— Ou mais pressuroso.

— . . . e não vi senão as ultimas pregas d'aquelle vestido azul pelo qual m'a designastes.

— Contai-me vossa historia, Raoul. E' extensa?

— Não posso dizel-o de antemão. Se a memoria só operar, será curta . . . porque ha poucos incidentes e peripécias . . . mas se no referir-a se despertar algum sentimento um pouco vivo, não poderei responder por nada.

— Embora; se ella me divertir, alliviará a minha insomnia; se me enfadar, far-me-ha dormir.

— Assim, de todas as maneiras estou certo conciliar a benevolencia do meu auditorio. E' uma posição rara e bella de mais para d'ella não me aproveitar. Começo.

— Tocai a campainha para que ponhão lenha ao fogo.

— Eu mesmo a deitarei.

— Sois bem cauto orador; temeis que a presenca momentanea de um criado interrompa as disposições favoraveis em que me achasteis de ouvir a vossa narração, e perturbe a minha attenção? Adivinhei o vosso pensar.

— Não sou obrigado á confessal-o. Poderia allegar que os criados estão cansados e adornar-me com uma intenção philantropica.

— Nós temos, vós e eu, espirito de mais para acreditar na philantropia. Começai.

— Eu tiuha vinte annos . . .

— Desconfiava d'isto . . .

— Porque?

— Porque é a unica idade em que se entrega á essas paixões irreflectidas, tão romanticas o tão extravagantes.

— Dizei: tão verdadeiras, tão nobres, tão puras.

Se as Sras. soubessem que thesouro de amor encerra o coração de um joven de vinte annos destinado á primeira mulher que amara; se ellas ssem quanto

ha de dedicação e de idolatria neste amor; se ellas soubessem que ellas são para este homem a vida com todas as suas delicias, o paraíso com seus regosijos mysteriosos; se ellas soubessem que então nellas se concentram todas as paixões humanas; a gloria para elle só existe em ser amado d'ellas; a ambição em beijar os seus cabellos; a avareza, em conservar uma primeira carta quasi apagada pelos beijos; porém ellas, em seu vão desprezo por este joven, em sua ridicula preferencia para entes embrutecidos e agastados, deixão roubar-se este primeiro amor por grisetas ou criadas. E' no esterco que desabrocha esta rosa de perfumes embriagantes.

— Vossa digressão não é sem replica, Sr. professor de grego. Em primeiro lugar, este amor primitivo, do qual fazeis um quadro tão seductor, não é dado á todas as almas. Só algumas organisações, dotadas ricamente pela natureza são susceptiveis de sentil-o; além d'isso, crêdes vós que não seja um pouco humilhante para uma Sra. deixar adorar-se por encantos que ella não possui, louvar-se por perfeições imaginarias; de não ser mais do que um espelho em que se reflectem os sonhos dourados de seu amante; ser para elle o que erão para os Gallos esses velhos tronços medonhos em que penduravão tantos mantos de purpura, tantos estandartes romanos, tantos aneis de ouro arrancados das mãos dos cavalleiros acabando por confundir-se na mesma admiragão o tronco infirme e os ricos despojos dos quaes era coberto?

Acreditai-me, é mais doce o mais seguro ser amada tal qual se é, ser amada por sua belleza e suas qualidades, e não por ser simplesmente a tela que o enthusiata cobre com tintas esplendidas. Vêde de perto como o mais das vezes são indignos os objectos das paixões mais violentas, e sereis convencido que não se adora as mulheres senão quando não se as pode amar.

— Olhai para traz, Sra. e ficareis persuadida que não ha na vida humana nada de bello nem de bom, senão aquillo que realmente n'ella não existe. As illusões são a maior riqueza do homem; e além d'isso, antes de rejeital-as, seria preciso, — e a experiencia mostrar-vos hia, se é cousa facil, — seria preciso saber se aquillo que se lhes quer substituir seria mais verdadeiro e mais positivo; se as fructas são mais reaes que as flores, e se é bom desejar que o vento espalhe no chão, como neve odórfifera, as folhas das flores, para fazer nascer mais depressa as fructas. Não, talvez não sejam illusões estes encantos que a alma dá; vós os possuís realmente; este amor tão poderoso sobre aquelle que o sente, tem uma influencia tão forte sobre o que o inspira, que se nós vos vemos numa altura tão prodigiosa, é que nosso amor realmente vos ha engrandecido e elevado.

— Provavelmente tereis vós ainda muitas cousas á replicar; porém eu temeria um amor que me erguesse á cima de um pedestal, de que não ousaria descer, sem arriscar quebrar o pescoço.

— Começais-vós a vossa historia?

Raoul começou.

— Achava-me ha alguns mezes na costa da Bretanha. Escolhido como professor dos dous filhos de uma illustre familia, havia acompanhado com prazer o chefe até a sua residencia de verão. Era uma bella casa, um tanto arruinada, mas pittoresca e tão perto do mar, que o vento que vinha do largo levava ás vezes um sabor salgado aos labios dos moradores. O dia inteiro era consagrado aos estudos de meus discipulos, e á alguns passeios que davamos nas bordas do mar. De noite jogava xadrez com o pai, e nós tomavamos punch.

„ Uma noite que havia tomado mais do que de costume, foi-me impossivel dormir, e desci até o jardim: gosando a calma e fresca da noite, ouvi de repente uma maviosa voz de senhora que cantava por uma melodia simples e monotona uma modinha que algumas vezes já havia ouvido cantarolar pelos habitantes da costa. Esta modinha nem é harmoniosa, nem poetica, mas é ingenua e bizarra.

„ Alvas gaiotas não vistes no mar, de navio perdido as taboas boiar?

„ Prometti á mulher uma fita bem larga, da cor das chammãs, para adornar o pequeno.

„ O vento destruiu meu pobre telhado; e na minha cabana toda noite choveu.

„ Os guardas tomarão-me, minha polvora e arma; levarão minha rede que ao cascalho seccava.

„ Nos licheus verdes, leva, oh! mar á esta praia deserta madeiras para o meu telhado.

„ E polvora secca, uma arma trouxada; redes para pesca e uma fita para o pequeno.

„ Procurei pôr muito tempo descobrir donde sahia esta voz, que parecia (e sua doçura augmentava a illusão) que parecia descer senão do céu, pelo menos das arvores altas e coposas que occultavão a muralha que circundava o jardim. Emfim dei com uma luz numa janellinha occulta pela folhagem. Pertencia sem duvida á uma casa encostada ao muro; esta casa era habitada sómente por duas senhoras e alguns criados. A voz calou-se, e a luz se apagou. Fiquei ainda por algum tempo no jardim, entregue á uma impressão magica. Custou-me muito á adormecer naquella noite. No dia seguinte porém já não pensava mais nisso.

„ A' noite entretanto, o crepusculo lembrou-me a janellinha e a voz, e logo que terminei a minha partida de xadrez desci ao jardim. Havia uma luz na janella, e esta luz, brilhando por entre as folhas verdes, assemelhava-se á um vagalume escondido na relva. Porém não se cantou. Meu espirito entregou-se á sonhos infinitos; procurava representar-me na imaginação a moradora d'aquelle quarto. Ella deve ser joven: era a unica consequencia que a voz me induzia á tirar positivamente.

(Continúa.)